

**RESENHA CRÍTICA DO LIVRO “CORROSÃO DO CARÁTER: O
DESAPARECIMENTO DAS VIRTUDES COM O NOVO CAPITALISMO”, DE
RICHARD SENNETT**

Eleine Beatriz Ferrareso Cardoso De Souza¹

Pedro Gadelha Alves²

O livro “A CORROSÃO DO CARÁTER – o desaparecimento das virtudes com o novo capitalismo” de autoria do sociólogo e historiador, estadunidense, Richard Sennett foi publicado pela Editora Record, no ano de 1999. Sennett é professor de sociologia da Universidade de Nova York, coordenador acadêmico da London School of Economics, é também consultor da UNESCO na área de planejamento urbano. Também, autor das obras: *Respeito: A formação do caráter em um mundo desigual; A autoridade; Carne e pedra; The Hidden Injuries of Class* (em conjunto com Jonathan Cobb).

O livro é estruturado em um prefácio mais 8 (oito) capítulos, com conteúdo de uma análise sociológica profunda, dos impactos das transformações do trabalho na vida do homem e nas relações sociais. Entretanto, o autor escreve de forma simples garantindo, assim, fácil entendimento do estudo realizado.

No prefácio, o autor já apresenta seu objeto de estudo, o “capitalismo flexível”. Sennett argumenta que esse novo modelo de capitalismo, caracterizado pela ênfase na flexibilidade, ataca as formas rígidas de burocracia e os males da rotina, exige agilidade dos trabalhadores e a aceitação e adaptação a mudanças a curto prazo, assumindo riscos frequentemente. Assim, no capitalismo moderno, o sociólogo caracteriza o trabalho como vários blocos, “*jobs*”, que o trabalhador vai empilhando ao longo da vida, diferente do antigo sistema capitalista, no qual os indivíduos construíam uma “*carreira*”, formada, geralmente, por dois empregos ao longo da vida.

O capitalismo flexível se caracteriza, também, pela imposição de novos controles, esses não são de fácil entendimento e identificação, sendo considerado, pelo autor, como um sistema de poder ilegível. Além de enfatizar o impacto no caráter pessoal. Esse se concentra no aspecto a longo prazo das relações sociais e experiências emocionais, expresso pela lealdade e o compromisso mútuo e a busca por metas a longo prazo. Segundo Sennett,

¹Graduanda em Direito pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

²Graduando em Direito pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

“caráter são os traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem”.

Já no prefácio o autor explana a contradição entre o caráter pessoal e o capitalismo moderno, dito flexível. Enquanto o caráter se estrutura em relações e metas a longo prazo, como dito a cima, em lealdade, solidariedade, tempo linear (carreira), construção de laços fortes e estabilidade nas relações. O capitalismo flexível estrutura-se em ações de resultados a curto prazo, sem construção de relações duradouras, com laços fracos, corrosão dos valores de solidariedade, confiança e liberdade e ataque a burocracia e a rotina exacerbada.

No primeiro capítulo, intitulado *“Deriva”*, Sennett apresenta Enrico e Rico, filho de Enrico, utilizando suas histórias para ilustrar os impactos das transformações do trabalho na vida dos indivíduos e como a mudança do sistema capitalista influenciou na construção do caráter dos filhos do Rico. Para o autor, o capitalismo não oferece circunstâncias para a construção e uma narrativa linear de vida. Enrico, é o exemplo de trabalhador fordista apresentado, apesar de ter o trabalho regido pela rotina e pela burocracia, consegue construir uma história com base no uso disciplinado do tempo, com objetivos de longo prazo. Já para seu filho, Rico, que é o exemplo de trabalhador flexível, as relações sociais com os outros não se processam a longo prazo, assim como as relações de trabalho, isso decorre da dinâmica de incertezas e de mudanças constantes exigidas no novo capitalismo.

Rico e sua família se encontram em constantes mudanças de emprego, como apresenta o autor ao longo desse capítulo, que levam a mudanças de cidades e conseqüentemente de vizinhanças. Por isso, não é criada uma identificação com o outro, o senso de pertencimento é fraco, já que as constantes mudanças impossibilitam os indivíduos de conhecer os vizinhos, construir laços fortes tanto com a vizinhança quanto com a própria família. Dessa forma, Sennett questiona *“... como se pode buscar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo? Como se podem manter relações duráveis?”* (p.27). Esse é o desafio que as pessoas no contexto atual têm de enfrentar, segundo o autor.

A sociedade moderna está em revolta contra a rotina e a burocracia, que podem paralisar as relações entre o homem e as instituições, afirma o sociólogo no início do capítulo dois. Adam Smith afirmava que: *“a rotina embrutece o espírito, sendo o trabalho de rotina degradante”* (p.41). Assim, Sennett afirma que a sociedade objetiva resolver o problema da rotina cega com a reestruturação do tempo, com instituições mais flexíveis, criando novas formas de poder e controle. Isso se deve a ideia, defendida principalmente por Smith, que a rotina cega se torna autodestrutiva, já que os indivíduos perdem o controle sobre o tempo e

sobre o trabalho e isso implica em uma “morte espiritual”. O homem se torna um ser estúpido e ignorante, já que a rotina ameaça a destruição do caráter humano.

A flexibilização do tempo buscada pela sociedade, vista como um meio de vencer o grande mal do velho capitalismo, a rotina, pode ser observada na negação do modo de vida de Enrico por seu filho Rico. Rico deseja fugir da rotina, mas o problema é que a rotina foi trocada por novas formas de poder e controle, como exposto no prefácio. No fordismo, o domínio e o controle eram visíveis aos olhos de todos, já que o patrão controlava o tempo e a produção dos trabalhadores, enquanto no capitalismo moderno eles se tornam obscuros e indefinidos aos olhos dos trabalhadores.

A desburocratização resultou em uma maior concentração do poder nas mãos dos patrões, tornando esse invisível dentro das empresas. A falsa liberdade dada aos trabalhadores através do trabalho em equipe, onde ele decide o que fazer sem o patrão determinar diretamente, colocou aqueles ainda mais sob o domínio do capitalista. Já não se domina mais o que fazem, a atomização crescente das tarefas fez com que não se precisasse mais de tanta preparação ou treinamento, por parte dos trabalhadores. A falta de domínio no emprego resultou na não criação de vínculo forte com sua função, com os colegas, fazendo o indivíduo mudar constantemente de área de atuação e de empresa.

Essa exposição nos permitiu observar o porquê da corrosão do caráter, já que este necessita de tempo para se consolidar, só definimos nosso caráter quando constituímos laços duráveis que permite nos situar dentro de um meio social. O capitalismo flexível se caracteriza pela capacidade imediata, a flexibilização, o risco, a alienação completa do indivíduo e uma consequente flexibilização do caráter, caracterizado pela ausência de apego temporal a longo prazo e pela tolerância com a fragmentação. Estar em constante mudança faz com que a pessoa se esqueça da realidade que ela pertence, atualmente não se sabe a qual classe, grupo, ou esfera social se pertence, diferentemente do antigo capitalismo, neste era de fácil percepção de pertencimento a uma classe. Observamos isso no capítulo quatro, quando Sennett pergunta aos padeiros modernos a qual classe pertencem, dizem indefinidamente serem da classe média.

Mais adiante, no capítulo cinco, o autor comenta sobre a história de vida de Rose, proprietária do Trout Bar. Após uma crise de meia-idade, resolveu mudar e se aventurar no ramo da publicidade, sendo contratada por uma agência e deixando seu estabelecimento em segundo plano. Porém, essa mudança durou apenas um ano e Rose decidiu retornar para seu trabalho antigo. A ausência de um feedback objetivo por parte dos chefes de Rose sobre o seu

desempenho constituiu um importante motivo para essa desistência. Ela alegava não saber se estava no caminho certo, se sentindo perdida muitas das vezes. Ademais, a aversão do mundo corporativo aos trabalhadores de meia-idade também contribuiu para o seu retorno. A experiência perdeu o seu devido valor. Os mais inexperientes, tidos como mais submissos, são preferidos. Com isso, o autor se utiliza do exemplo vivenciado por Rose para ilustrar o que ocorre com os indivíduos em um mundo tão flexível.

Os riscos corridos pelos trabalhadores passam a ser normalizados. E, assim como eles, o medo também se torna algo constante no cotidiano dos mesmos, visto que não há garantia de permanência. Os indivíduos se sentem cada vez mais vulneráveis e, grande parte das vezes, assim como Rose, possuem a sensação de que não estão construindo a narrativa de suas vidas. A cada dia, precisam começar do zero, provar seu valor. E, segundo o autor, essa situação pode provocar uma corrosão no senso de caráter.

Ele também aborda os chamados buracos estruturais, conceito mencionado pelo sociólogo Ronald Burt (1992), que representam os locais de oportunidade dentro de determinada organização. Nesse caso, os trabalhadores podem aproveitar esses buracos para se movimentarem dentro de uma empresa, aumentando suas chances de ascensão. Tais buracos contribuem para a permanência do risco, fazendo com que os trabalhadores busquem essa mudança. No entanto, essa mobilidade, por ser um processo tido pelo autor como ilegível, não garante melhorias para o indivíduo, podendo ser maléfica para o mesmo. Sennett resume esse fato com a frase ‘mercado em que o vendedor leva tudo’. Assim, essa flexibilidade pode acabar acentuando a desigualdade social.

As superficialidades da sociedade moderna também são comentadas na obra de Senett. Para ele, a desorganização do tempo, exemplificada pela ausência da rotina e de objetivos a longo prazo, contribui para essa realidade. Ele cita o exemplo de Rico e de outros indivíduos que trabalharam de maneira contínua para exemplificar os valores da ética de trabalho tradicional: o uso autodisciplinado do tempo e o valor da satisfação adiada. Atualmente, a ética moderna prioriza o trabalho em equipe, com ênfase na adaptabilidade às circunstâncias.

Após comentar sobre a ética de trabalho do mundo antigo, trazendo citações de poetas como Hesíodo e Virgílio, o autor comenta mais sobre a ética de trabalho atual, afirmando que se trata de uma ética de grupo em detrimento da ética do indivíduo. O trabalho em equipe é posto acima do indivíduo separado. Ele exemplifica citando Rose, que lidou com uma ética de trabalho diferente no período em que foi funcionária da agência de publicidade.

Em razão dessa valorização do trabalho em equipe, algumas características que facilitam essa interação, como a capacidade ouvir e ensinar, se tornaram qualificações importantes para o trabalhador moderno, conforme foi exposto em um estudo feito pela SCANS. Os indivíduos precisam estar aptos para realizarem objetivos de curto prazo trabalhando com pessoas de personalidades distintas, evitando se envolver emocionalmente com seus companheiros de trabalho. Há uma comparação dessas equipes corporativas com equipes esportivas, onde o retrospecto passado não interfere no presente. ‘Cada jogo é um jogo’.

Outro ponto abordado de maneira mais específica pelo autor é o fracasso. Ele afirma que, apesar de muito se falar sobre os caminhos necessários para alcançar o sucesso, pouco se fala sobre como enfrentar o fracasso. Busca-se um conformismo e a ‘segurança dos clichês’ ao invés de enfrentar e compreender as reais causas desse insucesso. Essa situação tem sido observada com uma frequência maior, tendo em vista que, com um mercado de trabalho cada vez mais acirrado, as possibilidades de fracasso acabam se tornando maiores.

Sennett expõe a opinião do comentarista político do século XX Walter Lippmann, que afirmava a construção de uma carreira como um antídoto para o fracasso pessoal. Para ele, não tornar o trabalho uma carreira levava o indivíduo a uma sensação de falta de objetivo. Dando a devida importância para sua carreira, a pessoa moldaria seu caráter por meio de um esforço organizado e a longo prazo, garantindo, assim, maiores chances de se alcançar o sucesso profissional e pessoal. Ele defendia, também, que os imigrantes recebessem suas chances para se educarem e construir suas carreiras, pensamento que não era nem um pouco comum na sua geração.

Em seguida, o autor comenta sobre a época em que frequentava uma lanchonete local e conheceu um grupo de programadores de meia-idade, recém despedidos em razão de um corte de empregos na IBM. Essa empresa, antes conhecida pelo seu paternalismo que estabeleceu cargos vitalícios para a maioria dos empregados, passou demitir funcionários e reduzir operações em grande escala após passar por uma grande crise. A empresa se tornava ‘mais enxuta, mais flexível’, contratando funcionários com contratos de trabalho mais curtos, sem tantos benefícios e que ocupavam posições de menor prestígio.

Ao se reunir com esses funcionários, Sennett reconheceu que a compreensão dos funcionários demitidos a respeito de suas demissões passou por três diferentes estágios. O primeiro deles, que não englobou a opinião dos funcionários entrevistados na lanchonete, afirmava uma culpa total por parte da empresa. Uma traição da mesma, que tratou seus

funcionários sem qualquer consideração, já que essa demissão em massa, segundo alguns funcionários, dava a entender que eles eram os responsáveis pelos fracassos da empresa.

O segundo estágio da interpretação buscava a culpa pela demissão em outras fontes, tirando o fardo da responsabilidade da empresa. Dentre essas fontes, a mais utilizada era a da 'economia global'. Os funcionários atribuíam a culpa de suas demissões às contratações de trabalhadores qualificados estrangeiros, que cobravam um valor menor pela sua mão de obra. No entanto, o próprio autor apresenta dados que refutam esse argumento, demonstrando que apenas 2 por cento da renda nacional dos EUA era fruto da importação do trabalho estrangeiro.

No terceiro e último estágio, os funcionários pararam de tentar achar um culpado externo para o ocorrido e passaram a assumir a culpa, pensando no que poderia ter sido feito para evitar a situação atual deles. Eles se condenaram por manter uma postura passiva e de dependência em relação à empresa, achando que deveriam ter arriscado mais, entrando no ramo das microempresas. No final, não havia mais raiva ou ressentimento, e sim resignação.

Finalmente, Richard Sennett comenta sobre uma das consequências positivas desse modelo capitalista, que foi o fortalecimento do valor de lugar e comunidade. O pronome 'nós' passou a ser utilizado como medida de autoproteção. Ele faz suas considerações finais trazendo à tona os casos relatados nos capítulos anteriores. Assim, pode-se dizer que a obra de Sennett se trata de um livro com linguagem acessível e que apresenta um vasto repertório interdisciplinar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURT, Ronald. **Structural Holes**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: o desaparecimento das virtudes com o novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2012.